

35ª Mercopar projeta mais de R\$ 1,6 bi em negócios

Valor estimado pelos organizadores da mostra, que se encerrou da sexta-feira, foi 55% superior à edição do ano passado

/INDÚSTRIA

Roberto Hunoff, de Caxias do Sul
economia@jornaldocomercio.com.br

A 35ª edição da Mercopar, encerrada na sexta-feira em Caxias do Sul, consolidou o evento como a maior feira de inovação industrial da América Latina. Os números apurados nos quatro dias de evento, mostram um público de mais de 47 mil visitantes e uma expectativa de negócios que supera a marca de R\$ 1,6 bilhão. O resultado representa um crescimento de 55% em relação ao obtido na edição de 2025.

Promovida pelo Sebrae RS e pelo Sistema Fiergs, a feira deste ano reuniu 545 expositores de diferentes regiões do Brasil e de Portugal, entre elas 50 startups. A programação aproximou fornecedores de grandes indústrias, apresentou soluções tecnológicas e abriu oportunidades comerciais para empresas de diferentes portes.

Segundo os organizadores, as rodadas de negócios chegaram a R\$ 289,4mil em negócios, envolvendo 451 compradores e 2.963 vendedores. Os encontros aproximaram micro e pequenas empresas de grandes compradores e abriram espaço para a apresentação de produtos, servi-

ços, tecnologias e soluções voltadas às demandas da indústria.

O sucesso da união do Sebrae RS com o Sistema Fiergs na realização do evento, que vem ocorrendo desde 2019, justificou um dos anúncios de maior destaque: a renovação da parceria de mais cinco anos entre as instituições para promover uma evolução ainda maior desta que é considerada a maior feira de inovação industrial da América Latina e se firma como um dos maiores eventos do setor em todo o País.

A continuidade da cooperação mantém a atuação conjunta das duas instituições na organização da Mercopar e no desenvolvimento de iniciativas voltadas à indústria. A realização da 36ª Mercopar já está marcada para os dias 19 a 22 de outubro de 2027.

A programação também abriu espaço para discussões sobre infraestrutura, cenários econômicos, boas práticas, segurança e saúde no trabalho, além de focar na internacionalização, com destaque para as condições necessárias para que empresas brasileiras acessem novos mercados.

Neste ano, a agenda ESG da Mercopar ampliou as ações ambientais, recursos de acessibilidade e iniciativas de gover-



Evento de inovação industrial realizado na Serra Gaúcha obteve crescimento em relação à edição de 2025

nança. Na área ambiental, os geradores da feira utilizaram 60 mil litros do biocombustível Be8 BeVant, em substituição ao diesel convencional.

Segundo estimativa da fabricante, a iniciativa deve evitar a emissão de 135 toneladas de CO2 equivalentes.

A programação incluiu uma demonstração do uso de hidrogênio verde no corte de metais e, na gestão de resíduos, as ações envolveram separação, destinação adequada e encaminhamento de materiais recicláveis.

E, pelo terceiro ano consecutivo, a Mercopar realizou inventários de gases de efeito estufa e previu a compensação das emissões residuais.

Em 2026, a Mercopar ocupou todos os 38 mil metros quadrados do Centro de Exposições dos Pavilhões da Festa da Uva e reuniu 545 expositores do Brasil e de Portugal, 68% deles do Rio Grande do Sul. Ao longo do evento, a programação oferecida reuniu mais de 280 horas de conteúdo, e as Rodadas de Negócios incluíram painéis com gran-

des compradoras, como BMW, BYD, Ford, Hyundai, Renault Geely e Embraer.

Focada em inovação industrial, a Mercopar é uma feira de negócios instalada no segundo maior polo metalmeccânico do Brasil e tradicionalmente reúne empresas fornecedoras de tecnologias, matérias-primas e serviços especializados para a indústria, o que transforma a mostra, a cada ano, em um ambiente único para geração de negócios, inovação e desenvolvimento da indústria.

Brasil despenca do 28º para o 62º lugar em ranking de crescimento da indústria

Apesar de uma pequena recuperação recente, a indústria de transformação brasileira segue entre as que menos crescem no mundo e está bem abaixo da posição que ocupava em 2024, quando figurava na metade de cima do ranking global.

Há apenas dois anos, no segundo trimestre de 2024, o Brasil ocupava o 28º lugar na lista dos países com maior avanço na produção industrial. Após forte aumento na taxa básica de juros (Selic), despencou para a 62ª posição no segundo trimestre deste ano. A conclusão é de uma análise feita pelo Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial) a partir de dados da Unido, a organização da ONU (Organização das Nações Unidas) para o desenvolvimento industrial.

Os números apontam que, enquanto a indústria de transformação mundial avançou 7,6% entre

o segundo trimestre deste ano e o mesmo período de 2024, a brasileira cresceu somente 0,84% na mesma comparação.

O economista-chefe do Iedi, Rafael Cagnin, afirma que a escalada da Selic, que penaliza a indústria tanto do lado do investimento como da demanda dos consumidores, está diretamente relacionada ao tombo brasileiro no ranking durante o período.

Em setembro de 2024, os juros básicos, então em 10,50% ao ano, começaram a subir e atingiram 15% em junho de 2025, patamar onde se mantiveram até o início deste ano. Hoje a taxa, em um ciclo de queda desde março último, está em 13,75% ao ano. “A taxa de juros é um condicionante poderoso da produção industrial. A indústria é muito sensível a ela porque produz bens duráveis, onde a demanda depende do patamar da Selic, e depende também de crédi-

to para investir”, diz Cagnin.

No final de 2025, o Brasil chegou a atingir o 75º lugar no ranking, mas subiu algumas posições nos últimos trimestres. Para o economista do Iedi, a base de comparação fraca do ano passado, aliada à queda recente dos juros, ajudou nesse movimento.

Ele afirma que, após amargar três trimestres consecutivos de queda anual, a indústria avançou 0,5% entre abril e junho sobre igual período de 2025. Apesar disso, ressalva, a manufatura mundial cresceu 3,7% nessa comparação, ritmo sete vezes maior, o que mostra um descompasso prejudicial ao Brasil em relação ao resto do mundo. “Na margem melhorou um pouco, mas ainda próximo de zero, e muito longe do que estávamos em 2024”, afirma.

Entre os ramos da indústria mais afetados, ele diz que o destaque são os bens de capital (máqui-

nas e equipamentos), onde juros elevados são especialmente prejudiciais. Esse segmento acumulou queda de 5,3% da produção no ano até agosto, depois de fechar 2025 com recuo de 1,7%. Em 2024, havia crescido 9%.

“Essa é a parcela da indústria que está travada, porque existe o custo de oportunidade: para investir em bens de capital, as empresas precisam ter um retorno de no mínimo os juros básicos, porque senão vale mais a pena aplicar em títulos públicos.”

Outro destaque negativo são os bens de consumo duráveis, que também dependem de financiamento e que tiveram crescimento de apenas 2,1% no acumulado do ano até agosto -em 2024, a alta havia sido de 10,7%.

Já os segmentos ligados à renda corrente, como alimentos, bebidas, vestuário e calçados, são menos afetados porque dependem

menos de crédito para serem consumidos, apesar de ainda demandarem algum grau de financiamento no Brasil, segundo Cagnin.

Para Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, a indústria brasileira enfrenta uma série de desafios. “O problema estrutural da indústria é o custo elevado em praticamente todos os itens que compõem sua produção”, diz.

Ele cita o custo Brasil (dificuldades estruturais, burocráticas, tributárias e econômicas que tornam o ato de produzir e fazer negócios no Brasil mais caro), além do custo trabalhista elevado e do custo de energia, historicamente alto. “Sem falar nos juros.”

Para Vale, o fato de a economia brasileira ser uma das mais fechadas do planeta manteve o País afastado das cadeias globais de produção, o que fica mais visível na comparação setorial entre países.